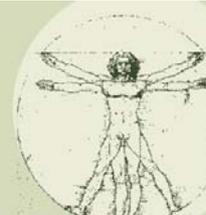




IV CSBCE
IV CONGRESSO SULBRASILEIRO
DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Faxinal do Céu - PR
19, 20 e 21 de setembro de 2008

CIÊNCIA e EXPERIÊNCIA:
Aproximações e Distanciamentos



LAZER E TRABALHO NA PERIFERIA: ARTICULAÇÕES DE POSSIBILIDADES

Shin Pinto Nishimura

Estudante de Educação Física da UFRGS.

Bolsista FAPERGS do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física.

Luis Eduardo Thomassim

Doutorando do PPGCMH/UFRGS.

Licenciado em Educação Física.

RESUMO

Neste trabalho objetivo compreender o lazer de um grupo de jovens e adultos, e como se articulam lazer e obrigações (como trabalho e família), na vida desses moradores da Vila Fátima, Bairro Bom Jesus, em Porto Alegre. A base metodológica tem um viés etnográfico, realizado através de observações e entrevistas. Os participantes jogam vôlei em uma escola pública aos finais de semana. Concluo que: o lazer não pode ser considerado inexistente por causa da pobreza; o trabalho representa grande parte do tempo ocupado; a família tem grande importância tanto na restrição, quanto na ampliação das possibilidades de lazer.

ABSTRACT

In this work I aim to understand the leisure of a group of young and adult people, and the way they articulate leisure and duties (such as work and family), in the lives of the inhabitants of Vila Fátima, Porto Alegre. The methodological base is ethnographic, performed through observations and interviews. The participants play volleyball in a public school on the weekends. My conclusion is that leisure cannot be considered inexistent because of poverty; work represents a large part of the time; family has a great importance, be it on the restriction or the enlargement of the possibilities of leisure.

Introdução

A latência das desigualdades sociais na sociedade capitalista coloca uma quantidade enorme de seres humanos em condições de extrema pobreza, tornando difícil para estas pessoas o acesso a muitos dos conhecimentos e dos bens produzidos pela humanidade. Pretendo com este trabalho aproximar o olhar científico, da academia, da materialização desta realidade nas condições de vida da população pobre. A Vila Fátima, Bairro Bom

Jesus em Porto Alegre, onde foi realizado o estudo, é conhecida como uma das vilas mais pobres da região, estando entre os dez¹ bairros com maior quantidade de responsáveis por domicílio recebendo até um salário mínimo. Conhecer este contexto social para além dos números estatísticos é necessário se quisermos falar sobre alguma coisa da vida dos moradores desta vila.

Considerando que o lazer passa a ser tratado como um fenômeno de esfera própria e concreta, segundo Marcellino (1983, p. 14), a partir da Revolução Industrial, onde os avanços tecnológicos acentuam a divisão social do trabalho e a alienação² do homem do seu processo e do seu produto, esta marca histórica faz com que ele seja diretamente relacionado com o trabalho.

Existem duas grandes linhas que os estudiosos do lazer utilizam que são apresentadas por Marcellino (1983, p. 19-29) como da “atitude” e do “tempo”. A primeira ligada a idéia de lazer como estilo de vida: com as relações que os indivíduos tem com a experiência vivida; relacionado com à satisfação provocada pela experiência em si. Dentro desta perspectiva até mesmo o trabalho pode ser considerado lazer, desde que fosse gratificante e escolhido de acordo com a vontade do trabalhador. A segunda ligada a idéia de lazer como tempo: liberado do trabalho e de outras obrigações familiares, sociais, políticas e religiosas; considerado como *tempo disponível*. A consideração do tempo pode ocorrer em fragilidades levando em consideração que, em um dado período de tempo, uma pessoa pode desenvolver atividades simultâneas. Marcellino (1983, p.28) coloca-se nesta discussão levando em consideração as variáveis *tempo* e *atitude*, enfatizando a qualidade das ocupações.

O foco deste trabalho vem no sentido de compreender o lazer como tempo, tendo esta decisão a ver com minha compreensão de sociedade. Levo em consideração que dentro dos marcos do capitalismo, o lazer como “estilo de vida”, a ser vivenciado inclusive no trabalho, não é possível para a imensa maioria da população, mesmo que algumas pessoas consigam. O caráter obrigatório do trabalho, a condição de assalariado (exploração da força de trabalho), a carga horária excessiva, são as condições que o povo brasileiro enfrenta no seu cotidiano.

Há quem encare, dentro de uma hierarquia de necessidades, que as preocupações da população pobre se restringem aos problemas imediatos referentes à alimentação, emprego, moradia, vestimentas, e que o lazer é um bem de luxo, desfrutável apenas pela a camada mais rica da população.

Em uma linha que discute o lazer considerando os dados sobre atividades de lazer pago, Mascarenhas (2004) propõe uma classificação quanto ao acesso ao lazer:

os ricos e endinheirados, os “com-lazer”, aqueles que podem pagar pelo melhor das mercadorias e estilos de vida (...), no meio, os “mais ou menos com-lazer” (...) em sua maioria, tendo contato comente com o mais barato (...) na base da pirâmide, o “terceiro

¹ Dados obtidos em <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/> - Observatório de Porto Alegre.

² Alienação - No sentido que lhe é dado por Marx, ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou à natureza na qual vivem, e/ou a outros seres humanos, e – além de, e através de – também a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente).

mundo do lazer”, dos pobres e dos miseráveis, dos “quase-sem” e dos “*sem-lazer*”. (MASCARENHAS, 2004, p. 80 – destaque meu)

Partindo de dados obtidos por levantamentos sobre o acesso ao lazer *comercial*, a classificação fica restrita a estas possibilidades de lazer, não levando em consideração as outras práticas que os “sem-lazer” tem.

Tomando outra postura em relação à produção de conhecimento sobre o lazer e a pobreza, Magnani (1984) analisa as formas de entretenimento com que a população preenche o tempo de lazer nos bairros da periferia, levando em consideração as crenças, costumes, festas, valores, etc., preocupando-se em mostrar as experiências vividas neste contexto.

Com estas contribuições, situo meu problema de pesquisa: *Quais as relações das obrigações do dia a dia (trabalho; família) com as possibilidades de acesso ao lazer para moradores de um bairro da periferia de Porto Alegre?*

Metodologia

Para responder a este problema, o estudo apresenta um esforço no sentido de compreender aspectos específicos da realidade social, utilizando-se de uma metodologia qualitativa de pesquisa social. Realiza a aproximação através de um viés etnográfico,

que traz para a discussão de sociedades contemporâneas uma contribuição singular – a tentativa de entender outros modos de vida usando a subjetividade do pesquisador e sua confrontação com o “diferente”, como instrumento principal de conhecimento. (FONSECA, 2006, p.13)

Com a etnografia, tenho a pretensão do desafio de trazer elementos e perceber o movimento entre o todo e as partes, entre as características do sistema capitalista e a forma como as desigualdades se materializam na condição de vida da população pobre. Ela é articulada com a especificidade histórica, levando-se em conta a *totalidade social*³ dos processos.

Decidido a acompanhar o grupo de praticantes de vôlei, passei a registrar as atividades e os acontecimentos através de *diários de campo*⁴. Meu acompanhamento ao grupo se deu através de *observação participante*, como prática do trabalho de campo de maneira a apreender os fenômenos para uma posterior análise, sendo assumida a observação participante como

um processo pelo qual mantém-se a presença do observador numa situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador está em relação face a face com os

³ Totalidade social: na teoria marxista é um complexo geral estruturado e historicamente determinado. Existe nas e através das mediações e transições múltiplas pelas quais suas partes específicas ou complexas – isto é, as “totalidades parciais” – estão relacionadas entre si, numa série de interrelações determinações recíprocas que variam constantemente e se modificam.

⁴ Registros dos acontecimentos considerados relevantes para alcançar meus objetivos com a pesquisa. Foram feitos registros referentes a 20 observações no período de 1 de dezembro 2007 a 31 de maio de 2008.

observados e, ao participar da vida deles, no seu cenário cultural, colhe dados. Assim o observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (SCHWARTZ & SCHWARTZ apud MINAYO, 1996, p. 135)

Algumas limitações foram encontradas neste processo de observação, como era, para alguns, o único tempo disponível para o lazer, o tempo era utilizado ao máximo para jogar, e as conversas aconteciam mais antes e depois dos jogos. Com esta condição concreta, percebi uma limitação nas observações e a necessidade de avançar na obtenção de informações, mais específicas para meu estudo, partindo para as entrevistas. Escolhi a *entrevista semi-estruturada* para dar a possibilidade ao entrevistado de falar sobre o tema proposto, sem uma rigidez limitante ou uma liberdade fora de foco, partindo de “questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas (...) que vão surgindo à medida que se recebem as respostas” (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Registrei 19 pessoas freqüentando o grupo, sendo 10 delas mais assíduas, caracterizando o *núcleo funcional*. Utilizei critérios cruzados que vieram *do campo* e optei por convidar para a entrevista pessoas que estivessem situadas nas condições diversas de situação entre: trabalho / não-trabalho; solteiro / casado com filho; estudante / não-estudante. Realizei um total de 7 entrevistas.

Vila Fátima: lugar e relações

A Vila Fátima está situada no Bairro Bom Jesus, onde cerca de 20% dos responsáveis por domicílio ganham até um salário mínimo⁵. As pessoas que acompanhei neste estudo *tentam* manter uma atividade freqüente, que é o vôlei nos finais de semana, principalmente sábado durante a execução do Programa Escola Aberta, das 15h até às 18h, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima.

Atendo-me um pouco mais a descrição do grupo, registrei que no período estudado circularam 19 pessoas por ele, sendo que 10 delas participavam em quase todos os finais de semana. Um dos participantes que mora um pouco mais afastado da escola, o Pedro, disse observar “não diretamente da minha casa, mas das ruas próximas a ela (...) eu vejo o movimento e venho pra cá” (entrevista, 21/05/08). A grande maioria dos participantes eram homens e as mulheres quando participavam, jogavam umas partidas e saíam, não participando de todo o tempo em que o grupo estava ali. No momento em que iniciei as entrevistas, o grupo era constituído apenas por homens. Quanto à idade, os mais novos tinham entre 15 e 16 anos e os mais velhos entre 32 e 34 anos. Elaborei um quadro, a partir das entrevistas, para situar algumas características importantes na vida desses jovens e adultos:

| Nome / Idade | Estado civil | Filhos (as) | Onde mora | Trabalho / Estudo |
|-------------------|--------------|-----------------------|-------------|--|
| Leonardo, 32 anos | Casado | 1 menina 2 meninos | Vila Fátima | Desempregado; faz bicos de segurança (portaria), jardinagem, |

⁵ Dado obtido através do site: <http://www2.portoalegre.rs.gov.br/observatorio/>

| | | | | |
|------------------|----------|-----------------------|-------------------|--|
| | | | | servente e pintura. |
| Beto, 34 anos | Casado | 1 menino | Vila Fátima | Área financeira de um sindicato de professores. |
| Afonso, 29 anos | Casado | 1 menina 1 menino | Vila Fátima | Jardinagem em uma empresa de Triunfo. |
| Pedro, 25 anos | Solteiro | --- | Vila Fátima-Pinto | Desempregado; concluindo o ensino médio. |
| Nestor, 17 anos | Solteiro | --- | Vila Fátima | Funcionário de uma rede de <i>fast-food</i> ; concluindo o ensino médio. |
| João, 25 anos | Casado | 1 menina 2 meninos | Vila Fátima | Auxiliar de serviços gerais em um shopping; concluindo o ensino médio. |
| Cleiton, 24 anos | Solteiro | --- | Vila Fátima | Almoxarifado de um hospital; curso superior de computação trancado. |

Quadro - Dados dos jovens e adultos entrevistados.

Outra característica importante se refere a ter ou não filhos, pois o fato de serem pais fazia com que, com frequência, houvesse as crianças como participantes do espaço, tornando-se esta uma característica do grupo.

A opção de utilizar a escola diz respeito à proximidade de suas casas. A falta de espaços deste tipo na Vila Fátima faz com que este seja caracterizado como um *achado*. Outros lugares são freqüentados por membros do grupo para a prática do vôlei, como o Parque Marinha do Brasil⁶, a praça Araribóia⁷, a praça Darcy Azambuja no Bairro Intercap⁸, e, para quem está estudando, outras escolas onde estudam. Uma característica entre conseguir jogar vôlei em outros lugares ou não, se vincula com solteiro ou casado e de ter ou não filhos. O peso dos gastos no deslocamento/transporte também se apresenta como uma dificuldade enfrentada, que agrega mais valor ainda ao espaço da escola. A questão da família é de grande influência neste contexto, pois estar perto de casa permite a quem tem esposa e filhos ser solicitado a ajudar no caso de em alguma necessidade ou receberem um aviso, como freqüentemente acontecia. A família é uma dimensão que temos que considerar nesta opção por jogar perto de casa.

Antes do Programa Escola Aberta, um dos jeitos que o grupo articulava era através da amizade de alguns guardas da escola, que liberavam o espaço para eles utilizarem, o outro era acionando a Associação de Moradores, conseguindo um documento assinado para cada utilização.

⁶ Um dos maiores parques da cidade de Porto Alegre, em um bairro distante em relação a localização da Vila Fátima.

⁷ Praça com campo de futebol e um ginásio coberto utilizado pelos moradores, para se deslocar da vila até lá é necessário algum meio de transporte (carro, ônibus).

⁸ Uma praça com algumas quadras para futebol, vôlei e basquete situada próximo a Vila Fátima.

Um dia, cheguei na escola, os portões estavam fechados, e os guris que jogam futebol haviam pulado o muro para poder utilizar o espaço no que eu chamo de Programa (promovido pela população) “Abri a Escola”. Rossane Wisner, que estudou o Programa Escola Aberta na Escola Nossa Senhora de Fátima, ao tratar da questão da utilização dos espaços e o programa, concluiu que:

O que é possível dizer, é que a escola antes do Programa já era utilizada por algumas pessoas, no entanto ilicitamente, o que ocorreu a partir de agora, é que passou a haver uma utilização institucionalizada da escola. O Programa não apareceu com uma nova idéia para a comunidade, mas apenas legalizou algo que já estava sendo realizado pela comunidade. (WISER, 2006, p.57)

Esta articulação feita para a possibilidade de um momento de lazer, me parece ser a dimensão desta esfera da vida incidindo sobre a sociedade, pois, intencionalmente ou não, tencionam por políticas públicas efetivas.

Depois de jogar, acontecia um momento de maior descontração do pessoal em uma esquina muito movimentada, na rua principal, que fica próxima a escola. Fui convidado por eles para participar deste momento depois dos jogos e algumas vezes fiquei por ali tomando uma cerveja com o grupo, em *atividade de campo*. Como refere-se Leonardo na entrevista “depois do jogo, da atividade ali, depois que termina ali a gente vai pra *esquininha* tomar umas duas ou três cervejas ali, conversar, falar, fazer umas brincadeiras, essa é a rotina” (14/05/08). Foi acompanhando este momento que consegui me aproximar mais do grupo e entrar em assuntos que seriam difíceis de ser tratados durante o tempo do vôlei na escola.

Este encontro em que se reuniam para conversar, beber e acompanhar o movimento, encontrando amigos que passavam, era muito esperado depois do vôlei. Alguns deles deixavam de participar de festas familiares (aniversários de tias e cunhadas; casamento de prima) para estar ali na esquina com os amigos. Na esquina é onde eles ficam sabendo e conversam sobre tudo o que está acontecendo na vila, encontram outras pessoas, parentes, velhos amigos e amigas. Os assuntos mais comentados eram: futebol, família, trabalho, mulheres, mortes e violência. Frequentemente quando havia uma novidade sobre a família ou brigas estas eram discutidas na esquina.

Troca de trabalho, desemprego, reclamações e o flerte com as colegas de trabalho também. Ali eles exploram as possibilidades de crítica coletiva de seu cotidiano, que, segundo Lefebvre citado por Oliveira,

é no interior das práticas de lazer e por meio delas que homens, conscientemente ou não, realizam – na extensão de suas possibilidades – a crítica de *sua* vida cotidiana. Não quer ele dizer que todo lazer seja necessariamente questionador e sim que os homens almejam nos lazes algo que o trabalho ou mesmo a vida privada em família, do modo como estão organizados na sociedade capitalista, dificilmente podem oferecer. (OLIVEIRA, 1997, p.12)

Identifico aqui o lazer como uma possibilidade de refletir coletivamente sobre os problemas da realidade que nos cerca, mas não que necessariamente esta crítica vá conduzir a uma ação prática, uma luta política.

Trabalho e lazer

Durante o período do estudo, o grupo estava com pouca frequência nos sábados. Os motivos da desarticulação do grupo passavam pela quantidade de trabalho, doença na família (a mãe de alguns deles – a minha também – ficou doente, requerendo cuidados familiares) e a utilização deste tempo no sábado para o lazer com a família. Neste capítulo estas articulações são apresentadas para a análise.

Inicio com algumas colocações para que possamos compreender o trabalho e suas características na sociedade capitalista, para depois relacionar esta esfera da vida com as opções de lazer dos jovens e adultos da periferia.

Segundo Marx, o trabalho “é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza” (2004, p.36). O trabalho deveria ser, segundo Ciavatta (2005), “a atividade fundamental pela qual o ser humano se humaniza, se cria, se expande em conhecimento, se aperfeiçoa”, porém algumas limitações estão colocadas hoje e “sob o capitalismo, o trabalhador repudia o trabalho; não se satisfaz, mas se degrada; não se reconhece, mas se nega” (ANTUNES, 2005, p.127).

Para quem deles tem um emprego fixo, o tempo de trabalho não é menor do que oito horas, sem contar os deslocamentos. Destaco os exemplos de Beto e Afonso que durante a semana, depois do trabalho, tem a necessidade de ficar em casa com a família ou simplesmente descansando. Os dois me disseram que na sexta-feira, por vezes, conseguem jogar futebol com os colegas de trabalho, considerado por Beto como *happy hour de todo mundo que trabalha*. No final de semana ambos *reservam* o sábado para atividades de lazer com os amigos e o domingo para ficar com a família. Ambos praticam o vôlei apenas na escola.

O caso do João é um pouco mais emaranhado. Ele atualmente está trabalhando (das 6:00 às 14:20), estudando à noite e neste tempo que *sobra* de tarde, falou: “atualmente eu estou terminando de fazer minha casa, então, eu viro servente de obra depois que eu saio do serviço para ajudar meu pedreiro, quando o pedreiro não vem eu sou o “pedreiro próprio” (entrevista, 29/05/08). Segundo ele, o horário em que trabalha é proposital, porque assim pode se reunir com os amigos no sábado, chega em casa pelas 14:30 e o pessoal se reúne para jogar vôlei. Essa *embolçada*⁹, é acompanhada pelo cuidar de três filhos pequenos e ter uma esposa. Estas atividades são realizadas na própria vila.

Nestor, primo de João, tem 17 anos, estuda de manhã e trabalha em uma rede de lanches tipo *fast-food*, das 16 às 22h, de segunda a segunda com duas folgas na semana. Ele era um dos participantes assíduos no vôlei e deixou de frequentar porque suas folgas caem apenas uma vez por mês nos finais de semana. Um dia chego na escola e encontro ele estava colocando a rede. Não era seu fim de semana da folga então perguntei como ele havia conseguido vir para a escola e ele respondeu “é que ontem eu fiquei coçando o meu olho, fui no médico e ele me deu um atestado de conjuntivite... daí consegui vir para cá”

⁹ Termo utilizado por João referente a quantidade grande de atividades acontecendo.

(NESTOR, entrevista, 29/05/08). Assim ele *conseguiu* um atestado médico para participar de um dia a mais no vôlei com o grupo.

Outra situação de não poder participar do vôlei no sábado foi vivida por Cleiton, tendo que trabalhar, pois estavam mudando o sistema de arrumar os medicamentos do hospital. Neste caso, a demanda era por horas extras, com ganhos financeiros no final do mês, mas “como dinheiro não é tudo né, perdi um vôlei, falar mal das pessoas, quem sabe olhar umas minas torcendo, essas coisas, que é o lazer” (CLEITON, entrevista, 31/05/08).

Dos jovens e adultos que entrevistei, dois deles estão *desempregados*. Se formos pensar ao pé da letra nas relações entre trabalho e lazer, eles teriam o tempo inteiro disponível. Marcellino (1987, p.33) não coloca ócio e lazer em campos opostos por considerar que são termos que se confundem e constituem uma opção pessoal *desinteressada*. Portanto nestes casos de desemprego não há ampliação do tempo de lazer ou ócio e sim ociosidade, *tempo desocupado*.

Pedro tem como ocupação fixa o estudo no turno da noite e está à procura de emprego. No tempo desocupado de trabalho, ajuda sua mãe em casa, sai com os amigos, joga vôlei, RPG e assiste a filmes em casa. A situação de desemprego o permite circular pela cidade para praticar o vôlei, mas esta possibilidade está diretamente ligada ao gasto com transporte, que o faz muitas vezes optar por locais mais próximos a sua casa.

Não ter um emprego significa não ter renda fixa, mas, no caso de Leonardo, os *bicos*¹⁰ são uma das formas de ter algum dinheiro, pois “não dá pra ser um zero à esquerda, o que aparecer o cara tem que fazer pra pegar pra uma manha né” (entrevista, 14/05/08). Já trabalhou com jardinagem, como servente, pintor, na portaria de condomínios, etc, e estes diversos serviços ele diz que faz como *autônomo*. Ele é quem jogando futebol, se não ganha em dinheiro, consegue roupas, cestas básicas, calçados. Neste período estava trabalhando como segurança (porteiro) nas folgas do seu sobrinho. Se refere muitas vezes ao sogro e a sogra pelo apoio que eles lhe dão “ainda bem, deu sorte ainda que tem a sogra e o sogro, falta uma coisa eles vão ali e dão um apoio, não tem aqui eu tenho lá, ou não tem lá eu tenho aqui, e a gente sabe, um ajuda o outro e assim vai indo, não tem o que me queixar do meu sogro, gente boa mesmo” (LEONARDO, entrevista, 14/05/08). Em meio a estas relações com os primos, os times de futebol, os amigos, o sogro e a sogra, ele vai se mantendo, com a esposa e três filhos.

Família e lazer

Uma primeira relação que apresento é entre ser casado ou solteiro, com filhos ou não, e a prática do vôlei em outros lugares da cidade.

Os solteiros não tem filhos, moram com suas mães e mantêm uma rotina de *rodar* pela cidade atrás de jogos de vôlei. A dificuldade apresentada para jogar em outros espaços é, principalmente, a econômica, pois os gastos com o transporte foram apontados como grandes problemas para frequentar espaços fora da vila. Os lugares *possíveis* de chegar caminhando eles vão.

Já os casados, utilizam principalmente a Escola Nossa Senhora de Fátima nos finais de semana para jogar vôlei, entre outras coisas, por que: é um local próximo de casa e não se perde tempo com o deslocamento; os filhos podem circular entre escola e casa; a

¹⁰ Bicos são trabalhos que não tem continuidade; oportunidades de receber algum dinheiro.

proximidade facilita o acesso das esposas ao local. A lógica dos outros lugares ser diferente da que o grupo tem na vila pode ser um fator na opção pela escola.

Frequentemente os jovens e adultos traziam seus filhos para a quadra, para o filho participar do Escola Aberta ou para cuidar deles enquanto jogam. Os jogos paravam para que os pais atendessem alguma necessidade dos filhos, por vezes, tendo que sair mais cedo para cuidar do filho em casa. Uns chegavam a levá-los consigo para a *esquina*, onde as crianças ficavam tomando refrigerante e comendo bolacha ou simplesmente acompanhavam seus pais.

Quando os filhos não iam para a escola, eram acionados parentes para tomar conta das crianças. O sogro, a sogra, os tios, as tias, mães e pais fazem parte da mobilização feita para conseguir liberação das obrigações e participar do grupo de vôlei na escola. Como o vôlei acontece mais no sábado e os *cuidadores* devem já esperar a solicitação, que em outro momento venha a ser retribuída. Um dos participantes levava os dois filhos para a quadra, pois sua esposa cuida do mais novo que tem 3 meses de idade, sendo difícil para ela dar atenção para os três ao mesmo tempo.

Conclusões

A aproximação da comunidade me fez perceber algumas peculiaridades, que provavelmente não apareceriam se, como tática de pesquisa, eu tivesse feito apenas entrevistas a jovens do bairro. O objetivo de entender as articulações entre lazer, trabalho e família na periferia me parece, em parte, cumprido. Digo em parte, levando em consideração as palavras de Lênin de que a realidade social é mais rica do que qualquer teoria, qualquer pensamento que possamos ter sobre ela.

O lazer não pode ser considerado inexistente por causa da pobreza, como Mascarenhas (2004) define de “os sem-lazer”, por exemplo. Este trabalho veio em um sentido de mostrar que acontecem muitas coisas no cotidiano das pessoas. A condição econômica limita bastante o deslocamento e a *compra* de lazer, mas frente a isso, a comunidade é tida como um local privilegiado de convivência. Mesmo quando a escola não era *aberta*, havia uma articulação com a Associação de Moradores ou uma *amizade* com o guarda da escola, para poder ocupá-la. Tenho certeza que se não houvesse a escola ou o Campo do Panamá, a população da vila se utilizaria de outras formas, como o *meio da rua* ou a *esquina*, para ter um momento de distração e de crítica a *sua* vida cotidiana. Não quer dizer que todo lazer seja necessariamente questionador e sim que os homens almejam nos lazers algo que o trabalho ou mesmo a vida privada em família, do modo como estão organizados na sociedade capitalista, dificilmente podem oferecer (Oliveira, 1997, p.12).

O trabalho representa uma grande quantidade no tempo ocupado dos participantes do grupo, sendo, por isso, de grande importância na consideração das limitações enfrentadas por eles. O tempo disponível ser apenas no final de semana e ainda assim surgir trabalho no mesmo, dificultando a participação em espaços coletivos de lazer, a restrição de acesso a lugares por falta de dinheiro para o transporte, etc, são condições concretas que o trabalho hoje coloca para a *classe-que-vive-do-trabalho*. Estas condições não são naturais, mas socialmente construídas e devem ser pensadas em um sentido de transformar o trabalho em uma atividade que (superando o trabalho assalariado; a condição de sujeito-mercadoria) instaure uma sociedade fundada na auto-atividade humana, no trabalho concreto que gera coisas socialmente úteis, no trabalho emancipado (ANTUNES, 1999). Os trabalhadores não são meros espectadores deste processo, tanto é que um dos

participantes entregou um atestado médico no trabalho para poder compartilhar de um momento de lazer com os amigos, e outros exemplos como este devem acontecer em diversos lugares pelo Brasil e pelo mundo.

Além das influências na relação entre trabalho e lazer, identifiquei uma grande importância das articulações familiares, tanto na restrição, quanto na ampliação das possibilidades de lazer. Ter uma família (esposa, filhos, etc.), ao mesmo tempo que implica em cuidados e dedicação, é um dos modos que possibilita a esses moradores da Vila Fátima, a disposição de algum tempo disponível para se divertir com os amigos e frequentar espaços coletivos. Com este acionamento da família, conforme Fonseca (1998), formam-se redes em função da necessidade mútua, mas também a ajuda pode ser acionada – mesmo quando não existe necessidade imediata – para preservar ou reforçar redes já existentes.

Referências

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho* - 10ª ed – São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo Editorial. 1999.

CIAVATTA, Maria. *O trabalho como princípio educativo na sociedade contemporânea*. Síntese do texto discutido com participantes do Seminário Nacional de Formação – MST, 2005. Disponível em <http://www.forumeja.org.br/>, acessado em 18/06/08.

FONSECA, Cláudia. Classe e a recusa etnográfica. In: *Etnografias da participação*. Organizadoras: Jurema Brites e Cláudia Fonseca – Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica em educação*. Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1998.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Lazer e educação*. – Campinas: Papirus, 1987.

MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Lazer e Humanização*. – Campinas: Papirus, 1983.

MARX, Karl. *O Capital – Crítica da Economia Política*, vol. 1, livro primeiro, pp. 149-163. Editora Abril, 1983.

MASCARENHAS, Fernando. “Lazerania” também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. In: *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 73-90, maio/agosto 2004.

MINAYO, Marília Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 4ª ed.. São Paulo: Ed. Hucitec-Abrasco, 1996. 267 p.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. O lúdico na vida cotidiana. In: *Introdução aos estudos do lazer*. Heloísa Turini Bruhns (org.). Campinas: SP. Editora da UNICAMP, 1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WIZER, Rossane Trindade. *Infância e lazer no contexto do Programa Escola Aberta: uma investigação na Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima*. Monografia de conclusão de curso Educação Física – UFRGS, 2006.